



MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO PELOS NOSSOS DEFUNTOS

15 de novembro de 2021

Recordar quem já partiu faz bem ao coração de quem ainda vive!

*«Eu sei que o meu redentor vive e que no último dia eu ressuscitarei da terra! Serei novamente revestido da minha pele e na minha própria carne verei o meu Deus»
(Job 19,25-26).*

Caríssimos confrades, familiares, amigos e benfeitores,
Nestes últimos anos, o número dos nossos irmãos e amigos falecidos aumentou consideravelmente, o que nos enche de dor e tristeza. Portanto, este ano, gostaria de convidar todos a celebrar a sua memória, não só recordando-os na oração mas também no empenho da nossa vida como pessoas consagradas para a missão.

A memória é o fundamento da nossa identidade e da nossa relação com o mundo em que vivemos; é o mapa das nossas recordações que nos diz quem somos e onde estamos. Um apagão de memória é suficiente para nos fazer deixar de saber quem somos e em que mundo nos movemos, como acontece aos idosos que perdem a memória e se perdem no mundo.

A memória dos mortos traz-nos de volta a nós próprios e convence-nos de que a morte é a porta estreita da verdade. A memória de todos os defuntos passa por nós, por necessidade, através da memória de algumas pessoas queridas e amadas que nos deixaram e que, ao falecerem, também causaram a morte de algo dentro de nós. Nessa memória eles mostram-nos o modo de viver, o essencial da vida: **o amor**. É através da experiência da perda, das interrupções, das separações, dos desprendimentos, do luto, que descobrimos a preciosidade do outro para nós e a natureza essencial do amor como única coisa necessária, como a única palavra que pode dar sentido à vida e à morte. E é através da perda radical, a nossa morte, que poderemos ver face a face Aquele que não perde nenhum dos que o Pai lhe confiou, Aquele cujo amor é mais forte que a morte (cf. Jo 6,39).

Como comunidade comemoramos todos os nossos entes queridos falecidos, pedindo ao Pai que confirme a esperança que o Mistério Pascal acendeu nos nossos corações, ou seja, "...que juntamente com os nossos irmãos falecidos ressuscitaremos em Cristo para uma vida nova" (Colecta da Missa do Dia dos Fiéis Defuntos).

A memória dos defuntos, ao despertar no terreno dos nossos afetos o tempo partilhado no amor com aqueles que foram mais queridos e importantes para as nossas vidas, é reavivada pela liturgia como uma oportunidade para alimentar essa esperança que "não desilude", não porque a experiência da dor inevitável é removida ou transformada, mas simplesmente porque "o amor

de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo" (Rom 5,5) e no coração dos nossos amados defuntos. A certeza íntima e inabalável que pulsa no coração do sábio Job torna-se o grito silencioso de oração que a comunidade cristã dirige com confiança ao seu Senhor: «Eu sei que o meu redentor vive e que no último dia eu ressuscitarei da terra! Serei novamente revestido da minha pele e na minha própria carne verei o meu Deus» (Job 19,25-26).

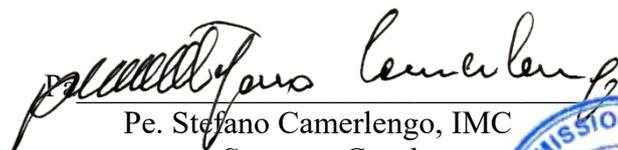
A memória dos nossos entes queridos já defuntos conduz-nos inevitavelmente "ao encontro com a morte" (1 Cor 15,31) e com o seu poderoso valor simbólico, capaz de intercetar os medos mais escondidos e enraizados em nós. Apesar da nossa confiança em Deus e nas suas promessas, da nossa escuta da Palavra e das nossas orações, a morte permanece para nós também um acontecimento sombrio e trágico, perante o qual não podemos deixar de reconhecer que estamos "sujeitos à escravidão para toda a vida" (Heb 2,15). E, no entanto, não é tanto a morte que nos aterroriza, mas o sofrimento que a prepara e acompanha; acima de tudo, a consciência de que as coisas que vivemos e tocamos juntamente com as pessoas que amamos podem e devem desaparecer repentina e irreversivelmente. De facto, a morte não é apenas um verbo no futuro, quando também nós teremos de deixar este mundo, mas também o é no presente. De inúmeras formas e em muitas ocasiões morremos para nós próprios, para aquilo que esperávamos, para os planos que laboriosamente tínhamos traçado.

O Evangelho, porém, dá aos nossos corações uma grande palavra de esperança: "Esta é a vontade do meu Pai, que todo aquele que vê o Filho e crê n'Ele tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6,40).

O Senhor Jesus não eliminou da experiência humana nem a morte nem o sofrimento. Em vez disso, acrescentou outra formidável possibilidade, a da ressurreição, um acontecimento impensável e impossível para os nossos "ainda fracos" (Rom 5,6) e frágeis corações. Porque em Deus há um único e inquestionável desejo: que ninguém "se perca" (Jo 6,39) em desespero e solidão. E se as promessas já incutem uma certa consolação, Deus quis demonstrar "o Seu amor por nós, pois, enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós" (Rom 5,8). Este é o acontecimento que ilumina a escuridão do nosso desânimo, que dá força e sentido à memória, por vezes ainda enlutada pela perda dos nossos queridos entes falecidos. Movidos por esta esperança, lembremo-nos hoje que, em Cristo, nada nem ninguém pode perder-se. E transformemos memórias, nostalgias e sentimentos numa esperança viva; na doce e confiante expectativa da «Páscoa eterna», numa «morada de luz e paz para todos» (Oração depois da Comunhão).

Na convicção de que amar é para nós crentes o testemunho da ressurreição, saúdo fraternalmente todos e cada um e desejo-vos uma boa e santa celebração da memória dos nossos queridos missionários, missionárias, parentes, benfeitores e amigos falecidos.

Fraternalmente, coragem e para a frente *in Domino!*


Pe. Stefano Camerlengo, IMC
Superior Geral



Nairobi, 05 de novembro de 2021